

# A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line

The Intellectual Production of Brazilian Geography, Around the Themes of Gender and Sexualities: a view from the journals on line

La Producción Intelectual de la Geografía Brasileira en Relación a las Temáticas de Género y Sexualidades: una visión desde del periódico on line

**Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil  
tamioliveiracesar@gmail.com

**Vagner Andre Morais Pinto**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil  
vampmorais@gmail.com

## Resumo

O trabalho tem por objetivo compreender a configuração da produção geográfica brasileira em sua abordagem de gênero e sexualidades nos periódicos on line avaliados pelo Sistema Qualis Capes. Para cumprir o objetivo proposto foi realizado um levantamento dos artigos científicos em 90 periódicos científicos considerados da área da geografia, segundo o comitê de área da CAPES, considerando todos os extratos de avaliação, desde A1 até B5, envolvendo o período de 1974 a 2013. Além disso, foi realizado um levantamento de dados no Diretório de Pesquisa CNPq, ano base de 2012, para tornar visíveis os grupos de pesquisa da área da Geografia que trabalham com temas de gênero e sexualidades. Os resultados apontam que há vitalidade neste subcampo geográfico, notadamente nas primeiras décadas do século XXI.

Palavras-Chave: Geografia; Produção Científica; Gênero; Sexualidades.

### Abstract

This study aims to understand the Brazilian geographical production related to gender and sexuality in online journals evaluated by Qualis Capes system. To achieve the proposed goal, it was performed a survey in scientific articles from 90 journals related to the field of geography, according to the classification of the Brazilian Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considering all assessment extracts from A1 to B5, involving the 1974-2013 period. In addition, it was carried out a data survey in the Research Directory of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), base year 2012, in order to highlight the research groups in the field of geography that work with gender and sexuality issues. The results show that there is vitality in this geographic subfield, especially in the first decades of the twenty-first century.

Keywords: Geography; Scientific Production; Gender; Sexualities.

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo comprender la configuración de la producción geográfica brasileña en su enfoque de género y sexualidades en las revistas electrónicas evaluadas por el Sistema Qualis Capes. Para cumplir con el objetivo propuesto, se realizó un levantamiento de los artículos científicos en 90 revistas científicas consideradas de del área de geografía, según el comité de área de CAPES, teniendo en cuenta todos los extractos de evaluación del A1 al B5, relativos al periodo 1974-2013. Además, se recopilaron los datos del Directorio de Investigación CNPq, año base 2012, para visibilizar los grupos de investigación del área de geografía que trabajan con cuestiones de género y sexualidades. Los resultados muestran que hay vitalidad en este subcampo geográfico, especialmente en las primeras décadas del siglo XXI.

Palabras-Clave: Geografía; Producción Científica; Género; Sexualidades.

### Introdução

O presente texto por objetivo compreender a configuração da produção geográfica brasileira em sua abordagem de gênero e sexualidades. A produtividade e qualidade da produção científica tem sido alvo de avaliação pelo governo brasileiro por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), que estabelece metas que influenciam na carreira acadêmica nas universidades brasileiras.

Um dos elementos mais importantes do processo de avaliação é a produção de artigos

científicos publicados em revistas on line que possuem determinada posição no 'ranking' de qualidade dos periódicos científicos estabelecido por este órgão. A ciência geográfica, assim como outros campos científicos, teve suas primeiras discussões no continente europeu. Para Lander (2005), essa hierarquização do pensamento científico pode ser explicada por duas questões, a primeira ao que se refere à fragmentação do mundo real que historicamente ocorre na sociedade ocidental e a segunda sobre a organização do poder que se origina das relações coloniais/imperiais que compõe o

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vagner Andre Morais Pinto

mundo moderno.

Imaginando o espaço como um feixe de relações em permanente processo de transformação e uma esfera de possibilidades como proposto por Massey (2008), o espaço da produção científica é também um espaço geográfico caracterizado como masculino, branco, heterossexual e cristão, como evidenciado por Silva (2009a).

Neste particular, o Grupo de Estudos Territoriais da UEPG vem organizando um banco de dados, que hoje armazena 13.990 artigos, coletados a partir de periódicos científicos brasileiros mantidos por instituições de cunho geográfico, disponíveis na internet e classificados nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 de acordo com o Sistema Qualis da Capes no triênio 2013-2015, no período de 1974 a 2013. A classificação dos artigos por palavras-chave permite organizar informações sobre a produção científica brasileira por meio de termos de busca. Do total de artigos compilados neste banco de dados, foi constatado que apenas 167 destes tratavam de Gênero (1,2 %) e somente 49 artigos abordaram a temática de Sexualidades (0,3%).

O campo científico não é fixo e imutável, há contra-correntes, pressões e tensões que desestabilizam hegemonias e fazem surgir diferentes temáticas. Este texto evidencia esse processo na Geografia brasileira, abordando a ascensão dos temas de gênero e sexualidades.

### Omissões e Tensionamentos na Produção do Saber Geográfico Nacional

Nas pesquisas realizadas pelo do Grupo de Estudos Territoriais (GETE), os pesquisadores do grupo produzem trabalhos que questionam a ciência geográfica, esta sendo posta como um campo de saber/poder estabelecido por tensionamentos e disputas,

onde desta maneira acaba legitimando apenas alguns conhecimentos, mantendo, assim, a tradicionalidade nas discussões da ciência propriamente dita.

Devido a estruturação da ciência geográfica e seu contexto histórico espacial, a geografia brasileira mantém as suas publicações omitindo algumas importantes discussões do pensamento geográfico, entre elas as geografias feministas e *queer*. Essa invisibilidade das discussões dos 'novos' temas no campo científico geográfico brasileiro, gera uma certa ignorância e desprezo de alguns pesquisadores tradicionais em relação a novas possibilidades de discussões. A construção de uma Geografia conservadora e tradicional reflete fortemente nas produções intelectuais dos pesquisadores, mantendo, assim, a tradicionalidade nas discussões dos temas geográficos, legitimando o que deve ou não ser discutido e posto como Geografia.

Conforme discute Mignolo (2004) a racionalidade científica ocidental adotou uma postura de totalitarismo epistêmico, auto afirmando-se enquanto uma única possibilidade plausível de se produzir conhecimentos válidos sobre a realidade. O repúdio e a negação de outras formas de racionalidades foram, e ainda são, estratégias de legitimação deste tipo específico de saber estabelecido e histórica e geograficamente a partir de privilégios de sexo e de raça.

A afirmação de Mignolo (2004) pode ser corroborada com as reflexões de Fourez (1995), quando o autor afirma que a objetividade pode ser compreendida como não absoluta, mas sempre relativa a uma cultura, do mesmo modo é necessário visualizar que além do objeto há também uma estrutura organizada do mundo ao qual os 'objetos' pertencem.

Tais reflexões acerca da construção do saber científico também podem ser visualizada nas explanações de Morin (2005),

ao refletir sobre os aspectos positivos e negativos da ciência. Para o autor, mesmo com os inúmeros benefícios à sociedade, decorrentes dos avanços tecnológicos e elucidativos atrelados ao desenvolvimento do conhecimento científico, se faz necessária uma atividade de autorreflexão sobre o modo como as práticas científicas são realizadas e questionando-se sobre suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sociocultural.

Nas reflexões de Silva et.al (2013), a história da Geografia brasileira é contada em etapas, fazendo com que as tensões existentes entre as diferentes perspectivas científicas fossem obscurecidas. Em sua grande parte, as versões geográficas apresentadas são as de sucesso nos períodos dos tempos, trazendo, dessa forma, alguns personagens 'heroicos'.

Segundo Bell (2011), ao lado da versão da memória oficial, presente nos currículos geográficos, há também narrativas alternativas, como é o caso das geografias feministas e *queer*. Dessa forma, a pesquisa busca evidenciar algumas descontinuidades, onde haja a possibilidade de superar os confrontos no campo científico e assim haver a coexistências de pensamentos diversos.

Como visto em Oberhauser et al. (2003), a atenção é para o fato de que as geografias feministas inglesas foram fundamentais na crítica ao pensamento positivista ocidental. Além disso, as autoras apontam que as geografias feministas anglófonas apresentam movimentos epistemológicos marcados por hegemonias conceituais e metodológicas ao longo de sua trajetória. Dentro de tal contexto, cabe salientar que

Apesar de crucial, a contribuição do ponto de vista da 'epistemologia feminista' foi ainda uma crítica 'interna' da ciência que permitiu formular perguntas semelhantes do ponto de vista da raça e da geopolítica do conhecimento. Isto é,

permaneceu dentro das fronteiras temporais e espaciais autodefinidas pelo discurso da modernidade (MIGNOLO, p. 686-7).

A corrente feminista, a priori, explorou a abordagem geográfica que centralizava as mulheres, focando basicamente a diferença corporal. Logo adiante, a noção do gênero enquanto socialmente construído associado à ideia de patriarcado, ganhou hegemonia e aliou-se com a geografia crítica (marxista), trazendo debates relacionados ao trabalho e propriedade. Assim, a noção de desconstrução do gênero se desenvolveu de forma associada à Nova Geografia Cultural, na qual instituía a não linearidade entre sexo, gênero e desejo.

As reflexões de Oberhauser et al. (2003) sobre a trajetória das geografias feministas anglófonas e seus movimentos teórico-metodológicos, não podem ser apenas adaptadas para a compreensão da forma como as geografias feministas se desenvolveram na realidade brasileira. Não ignorando que cada espaço da produção científica é influenciado por especificidades políticas, sociais e econômicas próprias.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no final dos anos 1990, e na primeira década do século XXI, o Brasil passou a desenvolver a política de interiorização das universidades pelo território nacional, dessa forma possibilitou o surgimento de novos cursos de pós-graduação, nos quais, atualmente, concentram grande parte da produção científica do país. Para Silva et.al (2013)

Todavia, durante muitos anos a estrutura da produção científica brasileira permaneceu centralizada e rigidamente hierarquizada, com apenas alguns importantes polos de produção de saber científico, a partir

dos quais o conhecimento se irradiava para áreas mais remotas do país. Portanto, não é de se surpreender que durante quase duas décadas a geografia brasileira tenha apresentado um discurso monotônico e coeso, baseado grandemente nas lutas de classe. Assim, outras categorias, como gênero, raça e sexualidade, não fizeram parte das preocupações da geografia brasileira até os anos 90 do século XX. (SILVA, et.al, 2013, p. 100).

Um levantamento de dados realizado no banco de teses e dissertações da Capes e da biblioteca digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) aponta que foi apenas no século XXI que ocorreu um impulso na produção de trabalhos científicos com base em categorias sociais como gênero, mulheres e sexualidades.

Verifica-se uma coexistência das categorias mulher, gênero e sexualidades que constituem esse campo de saber que, inclusive, são interdependentes, embora a categoria 'sexualidades' tenha sido abordada posteriormente as outras duas. Para Silva et al. (2013) a pluralidade existente, ou seja, a coexistência das categorias mulher, gênero e sexualidades na produção do conhecimento científico da Geografia brasileira, aponta que existem alianças entre os pesquisadores dessas temáticas, e que esse elo vem fortalecendo notoriamente o campo feminista e quer frente à Geografia enquanto disciplina.

A produção científica em qualquer campo de saber ocorre de forma cotidiana. Como argumenta Silva (2009b, p. 75)

[...] a geografia se faz e se refaz por meio de elementos organizacionais como a produção científica e a

orientação epistemológica presente nos projetos curriculares da academia, ou seja, ela sobrevive e é conformada na prática cotidiana dos sistemas legais e institucionais.

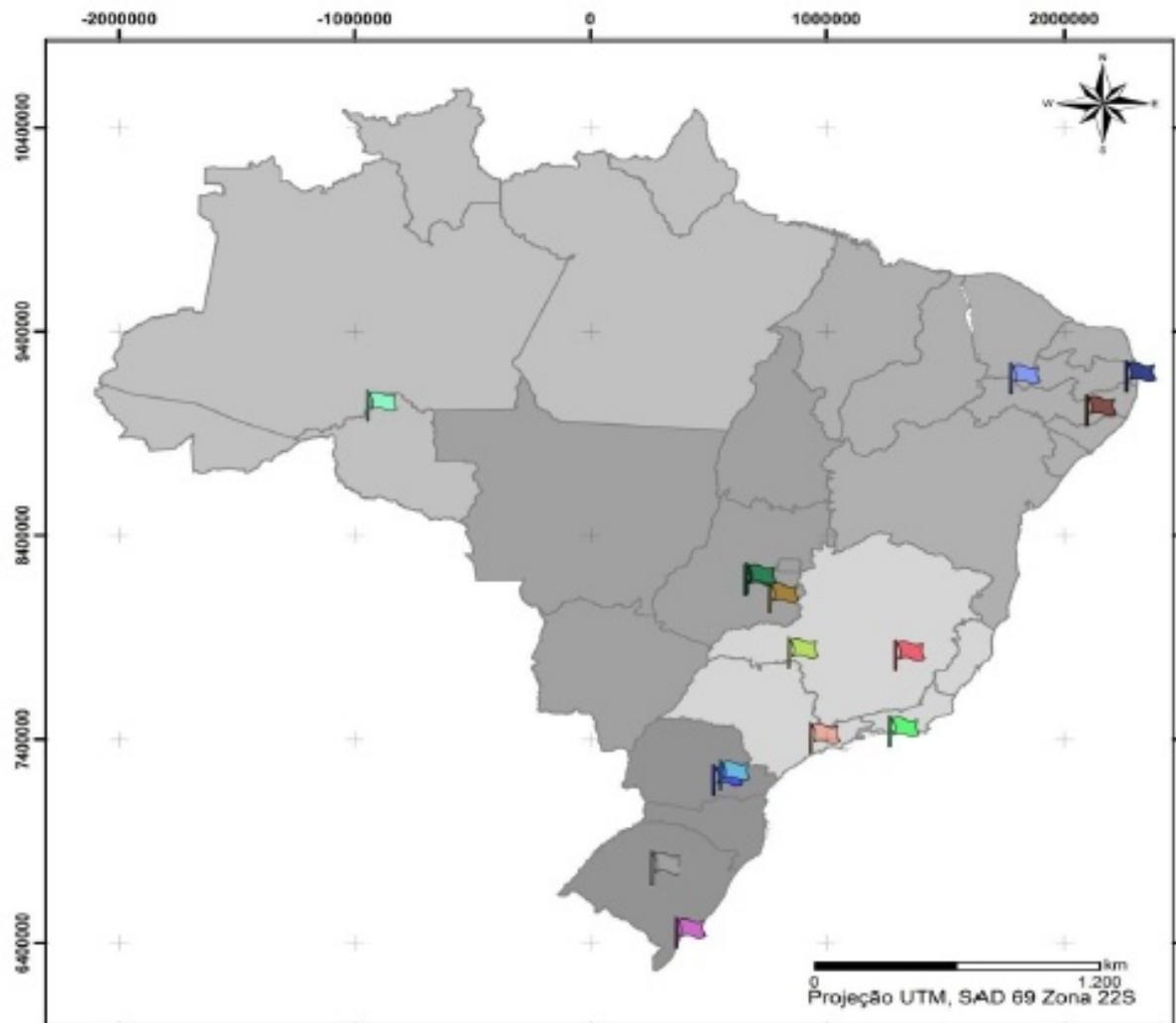
Um dos elementos organizacionais que estruturam a produção científica são os Grupos de Pesquisa. No cadastro do Diretório de Grupos presente na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)<sup>1</sup>, é possível afirmar que, apesar da crescente feminização do campo científico da Geografia, não houve uma expansão significativa dos Grupos de Pesquisa voltados para pesquisas da área de gênero, mulheres e sexualidades.

Cada Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq deve apontar os objetivos, as linhas de atuação em pesquisa, a descrição dos membros e seus líderes. O levantamento realizado no cadastro do Diretório de Grupos de Pesquisa aponta que dos 224 grupos presentes na plataforma, dos quais apenas 17 referenciam-se ao desenvolvimento de pesquisas sobre gênero/sexualidades, representando somente 7,1% do universo total. Os grupos de estudos das temáticas gênero e sexualidades estão distribuídos nas cinco regiões brasileiras, como pode ser visualizado no mapa a seguir (Mapa 1).

Os grupos de pesquisa e seus respectivos líderes, podem ser visualizados no quadro abaixo (Quadro 1) criado a partir da pesquisa realizada no Diretório de Pesquisa CNPq:

Ao refletir sobre a distribuição espacial mundial dos grupos de pesquisa que discutem a temática de gênero, Monk (2011) destaca dois importante elementos locais que influenciam tal espacialidade. O primeiro é referente à força da atuação de líderes locais, onde evidenciam as ações das pessoas e os papéis estruturadores das redes de relacionamentos entre esses pesquisadores, favorecendo, dessa forma, um contexto que

Mapa 1 - Distribuição Espacial dos Grupos de Pesquisa em Gênero e Sexualidades no Brasil<sup>2</sup>.



**Legenda**

Divisão Regional	Universidades com Grupo(s) de Pesquisa em Gênero			
Norte	UNIR			
Nordeste	URCA	UFPB	UPE	
Centro Oeste	UFG*	UEG		
Sudeste	UFTM	UFMG	PUC	USP**
Sul	Furg	UEPG	Unicentro	UFSM

\* 2 Grupos de Pesquisa    \*\* 3 Grupos de Pesquisa

Fonte: Diretório de Grupos do CNPQ. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 08 de Outubro de 2012. Organização: CESAR, T.R.A.O; PINTO, V,A,M. (2012).

Quadro 1: Grupos de Pesquisa Relacionados a Gênero no Brasil.

Grupo	Ano de criação	Instituição de origem	Região	Líderes/gênero M / F / M+F
As Geografias da Modernidade: Geografia e Gênero - Família e Trabalho. 30 Anos de Pesquisa no Agro-Paulista - O Exemplo da Agricultura Canavieira na Macro-Área de Ribeirão Preto (SP)	1996	USP	Sudeste	Rosa Ester Rossini (F)
Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero	2001	UNIR	Norte	Maria das Graças Silva Nascimento Silva ( F )
Núcleo de Análises Urbanas	2002	FURG	Sul	Cesar Augusto Avila Martins e Paulo Roberto Rodrigues Soares ( M )
Sociedade e Meio Ambiente	2002	UEG	Centro-Oeste	Maria Erihan Inocência e Marise V. de Paula ( F )
Grupo de Estudos Territoriais - (GETE)	2003	UEPG	Sul	Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat ( M + F )
Gestão Territorial no Estado do Rio de Janeiro (GETERJ)	2005	PUC / RJ	Sudeste	Augusto Cesar Pinheiro Silva ( M )
Território, Espaço e movimentos Sociais	2006	URCA	Nordeste	Ana Roberta Duarte Piancó ( F )
Gestar: Território, Trabalho e Cidadania	2006	UFPB	Nordeste	Maria de Fátima Ferreira Rodrigues e Anieres Barbosa da Silva ( M+F )
Espacialidades e identidades raciais, étnicas e de gênero - (UFG)	2007	UFG	Centro-Oeste	Alecsandro José P. Ratts e Marise Vicente de Paula ( M + F )

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vagner Andre Morais Pinto

A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line

Terra & Sociedade- Núcleo de Estudos em Geografia Agrária, Agricultura Familiar e Cultura Camponesa	2007	UFMG	Sudeste	Maria Aparecida dos Santos Tubaldini e Jose Antonio Souza de Deus ( M + F )
Lux Festa- Festas populares	2009	UFG	Centro-Oeste	Carlos Eduardo Santos Maia e João Guilherme da Trindade Curado ( M )
Geografia e Gênero A Força de Trabalho Feminina no Agro-paulista. O Exemplo da Agricultura Canavieira na Macro-área de Ribeirão Preto (SP)	2009	USP	Sudeste	Rosa Ester Rossini (F)
Geografia e Gênero. A força de trabalho na expansão e nos novos caminhos da cana-de-açúcar no Vale do Rio Pardo. São Paulo/Brasil, no início do século XXI (2000-2012)	2010	USP	Sudeste	Rosa Ester Rossini (F)
GESSANE - Grupo de Estudos Sistêmicos do SemiÁrido do NordEste	2011	UPE	Nordeste	Maria Betânia Moreira Amador e Adjair Alves ( M + F )
Espacialidades Urbanas	2011	UFMS	Sul	Benhur Pinós da Costa e Cláudia Luísa Zeferino Pires (M+F)
Núcleo de Estudos e Pesquisas Israelita do Triângulo	2012	UFTM	Sudeste	Carlos Alberto Póvoa ( M )
Espacialidades, Territorialidades e Gênero	2012	UNICENTRO	Sul	Alides Baptista Chimin Junior ( M )

Fonte: Diretório de Grupos do CNPQ. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 08 de Outubro de 2012.  
Organização: CESAR, T.R.A.O (2012)

beneficia e fortalece as pesquisas feministas. Outro importante elemento local que deve ser considerado, é que na distribuição espacial da produção científica feminista, ainda há as relações de poder que enquadram-se nas tradições acadêmicas que são configuradas de diferentes formas, variando a cada localidade. Assim, locais configurados diante de relações de poder que se concentram em torno de tradições epistemológicas, tendem a ser mais

resistentes ao desenvolvimentos de novas vertentes, como feminista e *queer*.

A busca de teses e dissertações no Banco de Teses da Capes possibilitou uma visualização de que os temas relacionados a gênero e sexualidades, estão pulverizados pelo Brasil, mantendo claramente um perfil periférico, onde concentram-se os cursos de pós-graduação criados recentemente e fora dos centros tradicionais.

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vagner Andre Morais Pinto

As teses e dissertações relacionadas ao temas de gênero, mulher e sexualidades, estão distribuídas em vários pontos do Brasil, o que remete que, sem dúvida, há uma descentralização da pós-graduação no Brasil, bem como o processo de democratização do país, mas ele também se sustenta em elementos locais.

Como visto em Silva et.al (2013) no Brasil, onde centros tradicionais da produção científica geográfica brasileira, Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não se construíram enquanto abertos ao campo feminista e *queer*. A primeira tese relacionada à temática de gênero, entretanto, foi defendida na USP no ano de 1991. O trabalho acadêmico apontado foi a tese de doutorado de Sonia Alves Calió, intitulada 'Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana', com orientação de Maria Adélia Aparecida de Souza. Mesmo a partir desse trabalho pioneiro, o mesmo não abriu caminhos para novas abordagens. Apenas, após uma década mais tarde, foi defendida uma dissertação de mestrado nessa área. Na UFRJ, o tema tampouco ganhou destaque. Entretanto, o trabalho pioneiro foi a dissertação de mestrado defendida em 2000 intitulada 'Os territórios da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1841-1925', de Jan Carlos da Silva. Anos depois, especificamente em 2011, o próximo trabalho relacionado ao tema de sexualidade foi defendido por Marcio Jose Ornat, com sua tese de doutorado intitulada de 'Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do sul do Brasil'.

Com esses trabalhos apresentados e suas temporalidades distintas, observa-se que tanto na USP, quanto UFRJ, universidades tradicionais e de importante referência na produção do conhecimento científico geográfico, os novos temas, como os campos da geografia feminista e *queer* sofrem um

barramento.

Tais abordagens começam a ganhar destaque atualmente, após o surgimento de novos cursos de pós-graduação no Brasil, destaque-se nesse âmbito a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, em Presidente Prudente (UNESP), e a Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Esses apontamentos refletem a discussão de Monk (2011), nos quais a autora aponta que, em meios acadêmicos tradicionais, a manutenção da hegemonia de determinadas formas de concepção geográfica e as fortes relações de poder inibem a expansão dos estudos de gênero e sexualidades.

Nesse sentido, para Silva et.al (2013), a inovação não surge mais dos campos centrais da produção do conhecimento, mas sim das periferias como visto no caso das geografias feministas e *queer*. Das universidades citadas como destaques na discussões em torno da temática de gênero e sexualidade, todas comportam um grupo de pesquisa que sustentam este ritmo de produção como o Grupo de Estudos Territoriais (UEPG), o Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades (UFG), o Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (UNESP de Presidente Prudente) e o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e as Relações de Gênero (UNIR). A subversão da ordem de inovação do discurso geográfico, com a agregação de gênero, mulheres e sexualidades na geografia brasileira, tem sido realizada pelos programas de pós-graduação criados mais recentemente.

A característica periférica da produção científica sobre gênero e sexualidades gera resistências à sua legitimação pela comunidade científica, que valoriza a produção científica proveniente dos grandes centros acadêmicos. Mesmo assim, deve se

considerar “que lá onde existe poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 91).

Apesar da expansão da pesquisa acadêmica na área em questão, com o aumento de dissertações e teses, é possível dizer que, no Brasil, o corpo não despertou interesse da Geografia. Nesse sentido, a dissertação de mestrado 'A cidade inscrita no meu corpo: gênero e saúde em Presidente Prudente- SP', de Natália Cristina Alves, defendida em 2010, é pioneira no estudo da relação entre corpo, gênero e espaço. Sua abordagem escalar da relação entre a cidade e o corpo constrói uma interessante possibilidade de imaginação geográfica. .

### A Produção de Artigos sobre Gênero e Sexualidades na Ciência Geográfica Brasileira

A publicação de artigos científicos constitui um outro instrumento importante de análise das transformações do padrão de produção científica na geografia brasileira, no que diz respeito às abordagens de gênero, mulher e sexualidades.

No universo de periódicos científicos pesquisados, foi em 1998, na Revista do departamento de Geografia da USP que apareceu a primeira publicação sobre gênero, de autoria de Rosa Ester Rossini, com o título 'As geografias da modernidade – Geografia e Gênero – Mulher, Trabalho e Família. O Exemplo da Área de Ribeirão Preto – SP'. As sexualidades também têm sido abordadas, recentemente, pela produção científica em forma de artigos. O primeiro artigo científico abordando a temática referente a sexualidades foi 'Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro', de Rogério Botelho de Matos e Miguel Angelo Campos Ribeiro, publicado no Boletim

Goiano de Geografia, em 1995. O tema ganhou maior relevância em periódicos científicos brasileiros na primeira década do século XXI.

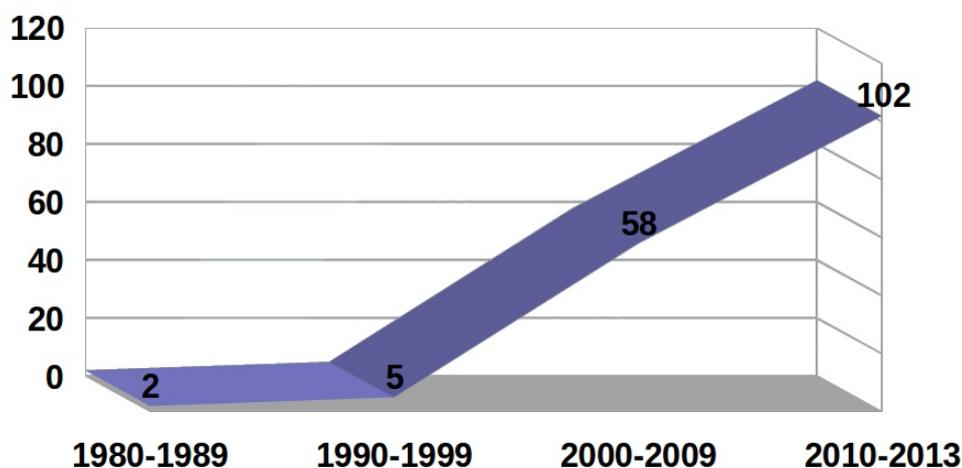
Os gráficos abaixo (Gráfico 1 e 2) ilustram a evolução temporal e quantitativa dos artigos publicados sobre as temáticas de Gênero e Sexualidades a partir do universo estudado.

A expansão dos temas de gênero e sexualidades se deve em grande parte à criação de um periódico específico, em 2010, a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. A concentração de artigos na área de gênero e sexualidades nos periódicos científicos Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, Terr@ Plural e Pegada corrobora os argumentos de Monk (2011) a respeito da importância de lideranças locais no desenvolvimento do campo feminista. Os dois primeiros periódicos são oriundos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sede do Grupo de Estudos Territoriais, e o terceiro é proveniente da UNESP de Presidente Prudente, sede do CEGet (Centro de Estudos do Trabalho), que conta com a presença da pesquisadora Terezinha Brumatti, que realiza suas reflexões em torno das temáticas de gênero, trabalho e sindicato. A produção sobre gênero e sexualidades, contudo, está concentrada em periódicos qualificados nos estratos B1 e B2, de acordo com o Sistema Qualis Capes, tendo em vista que a abordagem de gênero não tem sido desenvolvida nos centros de maior prestígio acadêmico, os artigos sobre gênero, mulheres e sexualidades praticamente não ganham acesso aos periódicos científicos classificados nos estratos mais qualificados pelo Sistema Qualis da Capes (A1, A2), o que evidencia uma desvalorização da temática pelos instrumentos legitimadores da academia.

Apesar do crescimento do número de artigos sobre as temáticas, esses trabalhos se concentram grandemente em um único periódico científico específico, o que produz

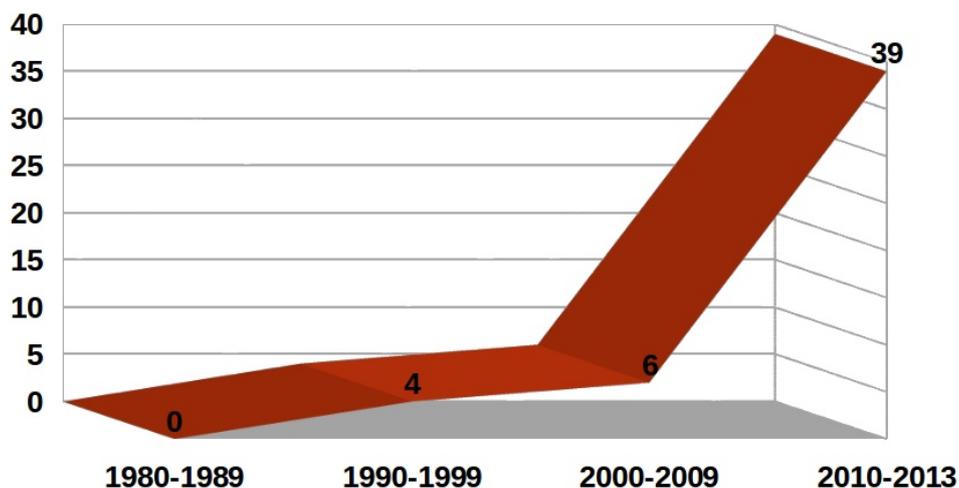
A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line

Gráfico 1: Produção de Artigos Científicos de Gênero na Geografia Brasileira.



Organização: CESAR e PINTO (2014).

Gráfico 2: Produção de Artigos Científicos de Sexualidades na Geografia.



Organização: CESAR e PINTO (2014).

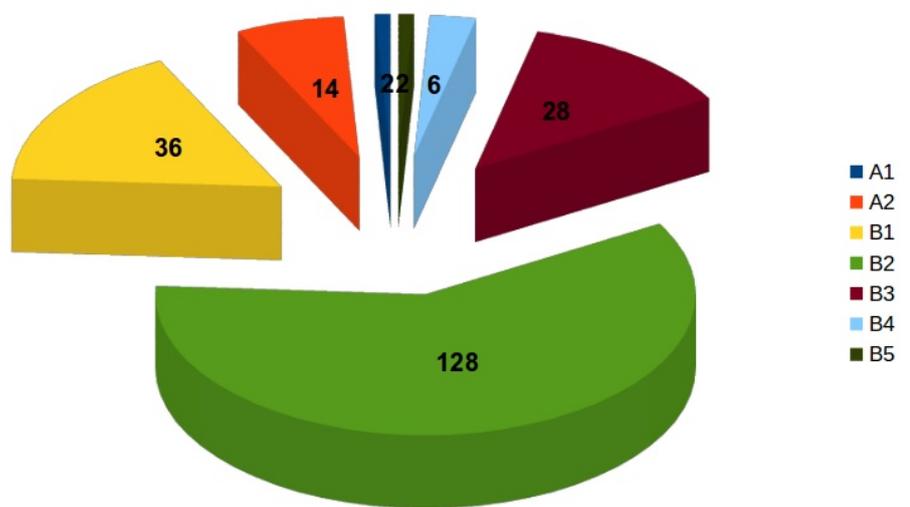
um isolamento da produção científica do grupo de pesquisadores. Todavia, e ainda que as sedes dos periódicos científicos que publicam a maioria dos artigos sobre gênero, mulheres e sexualidades estejam localizadas nas cidades-sede dos grupos de pesquisa que

têm se dedicado à temática, a distribuição espacial das instituições a que os autores pertencem é mais pulverizada e, inclusive, internacional.

Isso evidencia que a temática já conseguiu alcançar um diálogo internacional, mesmo

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vagner Andre Morais Pinto

Gráfico 3: Artigos de Gênero e Sexualidades - Distribuição por Estrato.



Organização: CESAR e PINTO (2014).

sem ainda ter aberto diálogo com os centros hegemônicos no próprio país, o que nos dá a real dimensão da resistência do campo científico brasileiro à temática. Assim, o comportamento de diálogo científico rompe mais uma vez com o modelo hierárquico nacional de organização da produção científica, constituindo uma relação entre a periferia acadêmica e o exterior, sem passar pelos centros dominantes nacionais.

Em Silva et.al (2013), os autores apontam que nos locais onde se formam grupos de pesquisa, é maior a potencialidade de a ciência geográfica se mostrar permeável aos temas feministas e queer. Nos locais onde há um número menor de instituições, a dinâmica de produção é mais concentrada espacialmente, e intensiva. Isso tem potencializado o caráter colaborativo que se faz pelas alianças entre pesquisadores.

Dessa forma, a organização espacial potencializa as discussões teóricas e metodológicas, ao mesmo tempo em que a proximidade espacial fortalece os pesquisadores para lutar pela abertura do campo na geografia brasileira.

### Considerações Finais

Com os dados evidenciados nesta pesquisa, podemos afirmar a argumentação de Fourez (1985), o autor afirma que a ciência dita como 'neutra' não passa apenas de ficção, pois ela é composta de cientistas que, de certa forma, trazem seus estigmas e significados, introduzindo-os as suas produções intelectuais.

Os trabalhos encontrados evidenciam que a produção geográfica brasileira está centralizada em campos hegemônicos do conhecimentos, reproduzindo padrões. Todavia, vários trabalhos têm demonstrado o interesse de abordar temáticas não consagradas pela Geografia, o desenvolvimento das abordagens sobre as temáticas relacionadas à mulheres, gênero e sexualidades, apresentando que ainda há um vasto campo para ser explorado pela geografia brasileira, o que traz inúmeros desafios à nossa ainda restrita imaginação geográfica.

Assim, a pesquisa evidenciou que a organização espacial potencializa as

discussões teóricas e metodológicas, ao mesmo tempo em que a proximidade espacial fortalece os pesquisadores para lutar pelo rompimento das barreiras criadas pelos ditos 'centros de excelências' do campo do saber na geografia brasileira. Os apontamentos apresentados, revelam que ainda há um grande campo a ser discutido, entretanto, aponta que os temas antes invisibilizados pela produção científica geográfica brasileira, aos poucos vêm ganhando visibilidade e estão se fortalecendo nos grupos instituídos nas 'periferias'. Dessa forma, podemos assegurar que a inovação não surge nos grandes centros consagrados e sim nas 'margens', no novo.

---

<sup>1</sup> Fonte: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 20/10/2012.

<sup>2</sup> O mapa foi organizado com base nos dados do Diretório de Grupo de Pesquisa – CNPq, período de 2012. Certamente há uma produção científica dispersa sobre gênero e sexualidades que não está identificada como grupo de pesquisa. Neste sentido, temos consciência de estar provocando algumas invisibilidades devido à limitação da base de dados utilizada.

## Referências

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**. Introdução à filosofia e a ética das ciências. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1995.
- LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais eurocêntricos. In: SOUZA SANTOS, Boaventura. **A colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais** perspectivas latino-americanas. Buenos Aires-Argentina: Colección Sur Sur, 2005. p. 8-23.
- MASSEY, Dorren Barbara. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MIGNOLO, Walter D.. Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica e pluriversalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 667-710.
- MONK, Janice. Colocando gênero na geografia: política e prioridades. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 87-104.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- OBERHAUSER, Ann M.; RUBINOFF, Donna; DE BRES, Karen; MAINS, Susan; POPE, Cindy. Geographic perspectives on women. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Eds.). **Geography in America at the dawn of the 21st century**. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 737-758.
- SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p.25-54.
- SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias**

A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line

**Subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b, p.55-92.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; CHIMIN-JUNIOR, Alides Baptista; PRZYBYSZ, Juliana. O corpo como elemento das Geografias Feministas Queer: um desafio para a análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN-JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.) **Geografias Malditas:** corpos, sexualidades e espaços. 1ª ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.p. 85-142.

WEB QUALIS. **Consulta dos Periódicos On Line.** Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/>>. Acesso em: 3/09/2012.

**Recebido em 02 de outubro de 2014.  
Aceito em 23 de dezembro de 2014.**

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vagner Andre Morais Pinto